

Pior me [relampeja] pela alma  
A idéia de que enfim tudo será  
Sabido e claro...

Pudesse eu ter por certo que na morte  
Me acabaria, me faria nada,  
E eu avançara para a morte, pálido  
Mas firme do seu nada.

V

Gela-me apenas, muda,  
A presença da morte que triplica  
O sentimento do mistério em mim.

VI

Mistério, vai-te, esmagas-me! Ah, partir  
Esta cabeça contra aquele muro  
E tombar morto. Mas a morte, a morte,  
Ali, como a temo! Para onde fugir?  
Na vida nem na morte tenho abrigo.  
Maldita seja... Quem? Quem faz o mal,  
Este que sinto! Ah, mas já [nem] posso  
Amaldiçoar...

VII

Não é o horror à morte, porque raie  
Nela o mistério em mim, nem venha nela  
Ou o acabar-me ou o continuar-me

Não. Não é minha alma que os sineiros  
Rebatem medos pelo que hei de ser.  
É a minha carne que em minha alma grita  
Horror à morte, carnalmente o grita,  
Grita-o sem consciência e sem propósito,  
Grita-o sem outro medo do que o medo.  
Um pavor corporado, um pavor frio  
Como uma névoa, um pavor de todo eu  
Subindo à tona intelectual de mim.

VIII

O animal teme a morte porque vive,  
O homem também, e porque a desconhece;  
Só a mim é dado com horror  
Temê-la, por lhe conhecer a inteira  
Extensão e mistério, por medir  
O [infinito] seu de escuridão.